

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente do Conselho*

MANOEL FRANCISCO BRITO — *Diretor Presidente*

ROSENAL CALMON ALVES — *Diretor*

WILSON FIGUEIREDO — *Diretor de Redação*

DACIO MALTA — *Editor*

MERVAL PEREIRA — *Editor Executivo*

ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*

O Preço da Vida

Uma simples leitura nas estatísticas indica que o Brasil carece urgentemente de uma política de saúde. Enquanto os Estados Unidos, o país mais atingido pelo vírus da Aids no mundo, já conseguiram estabilizar a incidência e a transmissão da doença, no Brasil, terceiro país mais vitimado pelo HIV, a epidemia continua a se alastrar num ritmo inquietante.

Durante a Conferência de Ministros da Saúde dos países Ibero-Americanos, o ministro Jamil Haddad revelou que os 425 mil infectados no Brasil de hoje serão 510 mil, até o final de 1995. É um número desolador, quando se sabe que campanhas preventivas maciças poderiam impedir a disseminação do vírus.

É uma combinação explosiva de falta de informação, pobreza e preconceitos de toda ordem que impedem uma mobilização da população em torno de medidas profiláticas. Nos EUA há distribuição farta de preservativos e campanhas esclarecedoras intermitentes: durante a cerimônia da entrega do Oscar, atores e atrizes ostentavam uma fitinha vermelha da lapela e pregavam a prevenção.

No Brasil, as campanhas são débeis e episódicas, os hospitais são pessimamente aparelhados, não se faz distribuição consistente de preservativos nem de seringas, as cadeias são fantasticamente promíscuas e as respostas do poder público à doença são tópicas e espasmódicas. Na pior das hipóteses, trata-se o assunto como caso de polícia, como se *gays*, bissexuais e drogados merecessem a praga que os assola.

Tal atitude é primária e perigosa. Os preconceitos que a inspiram paralisam o combate a todo tipo de flagelo na área de saúde. Pesquisa recente da Organização Pan-Americana de Saúde aponta o Brasil como um dos três países com maior índice de mortalidade na adolescência, perdendo apenas para El Salvador e Colômbia.

Acidentes, homicídios e suicídios, seguidos de tumores e doenças do sistema circulatório são responsáveis pela morte anual de 34 mil brasileiros entre 10 e 19 anos. Pela visão policialesca da saúde pública, se são a escória da sociedade, drogados, indigentes e homossexuais, não há desperdício. É uma atitude muito pouco cristã.

O desprezo pela vida humana está presente no cotidiano: advogados de delinquentes do trânsito conseguem fazer acordos em torno de Cr\$ 6,5 milhões com as famílias humildes de suas vítimas. Esta é a média nacional desse tipo de arranjo. Como a saúde, a segurança no trânsito é negligenciada: um jogo de pneus sai mais caro do que um acordo com a família da vítima.

Entre as contas da Previdência, reparação de veículos, Judiciário, peritos, legistas, o custo social dos delitos de trânsito no Brasil chegam a US\$ 4 bilhões por ano. É de se imaginar o custo da dilapidação da juventude e da epidemia de Aids. O Brasil ainda não compreendeu, como dizia André Malraux, "que uma vida pode não valer nada, mas nada vale uma vida".